



SÍRIA

SÍRIA

TEXTO E FOTOGRAFIAS Santiago Macías

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

TRADUÇÃO Badr Hassanien

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO Textype

EDIÇÃO Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2005

TIRAGEM 500 exemplares

ISBN 972-9375-23-2

DEPÓSITO LEGAL 228 025/05

Devo um agradecimento especial aos fotógrafos
António Cunha e José Manuel Rodrigues,
pelo apoio que deram à concretização deste livro.

Na rua que conduz a Bab Sharqi, em Damasco, conserva-se parte de um arco de triunfo romano. Só o arco nos faz recuar aos dias em que S. Paulo viveu naquela rua. O resto há muito deixou de existir e a procura de uma cidade desaparecida torna-se um jogo de imaginação. Talvez Paulo de Tarso passasse todos os dias debaixo do arco de triunfo romano, sobre o qual se passeia agora um gato de ar preguiçoso. Mas aquele monumento é apenas um testemunho raro de uma época esquecida e a História deixa-nos sem respostas na esquina da rua, a que leva a Bab Sharqi, e que está deserta no fim da tarde de sexta-feira.

Dos dias da Damasco romana ficaram alguns monumentos, menos à vista do que poderíamos esperar. As cidades que se lhe seguiram foram ocultando as anteriores e os roteiros turísticos que os poucos visitantes cumprem, religiosamente, guiam-se, quase só, pela cidade dos últimos 300 anos. Mas a geografia de uma cidade não é um mapa para turistas e a topografia dos sítios não se segue, encontra-se. Uma rua à direita, duas à esquerda, ao acaso e à toa, à procura de respostas.

As ruas de uma cidade são terra firme. Dá prazer deixarmo-nos levar, uma rua à direita, duas à esquerda, sempre ao acaso. Não nos perdemos, porque as trepadeiras das ruas de Damasco, a cruzarem-se nas pérgolas à nossa frente, já um dia as vimos, mas não sabemos onde. Talvez num sítio longe de Damasco. São talvez ruas sonhadas ou já vistas.

Muito do passado de Damasco está hoje escondido em bairros recônditos ou quase desapareceu. As cidades não são uma realidade imóvel e imutável. Menos ainda quando falamos de sítios como este, ocupados há milénios e abalados de

tempos a tempos por convulsões, pelas dos homens e pelas que surgem das entranhas da terra. O correr dos anos, o simples martelar do sol e da chuva se encarregaram de fazer o resto. É por isso que a topografia antiga de Damasco há muito se modificou e da cidade onde viveu São Paulo só restam o arco romano na rua que vai para Bab Sharqi, a entrada oriental da cidade, a colunata à saída do souk Hamidieh e algumas das paredes da grande mesquita dos omeias.

É na mudez das pedras que está a resposta a tantas questões. São elas que nos contam o que os textos escritos tantas vezes omitem, por desconhecimento, por convicção ou por conveniência. Entre Bosra e Qalb Lozeh, desde a desolação da estepe de Qasr ibn Wardan até ao oásis de Palmyra é sempre nas pedras onde a História foi gravada que procuramos os relatos do passado. William Henry Waddington escrevia, no final do século XIX, que a causa da destruição dos monumentos antigos da Síria se devia aos muçulmanos e aos cristãos, que tinham usado os edifícios mais antigos como matéria-prima para erguer novas construções. Explicação simplista mas, em grande parte, certa. Assim se destruiu e se refez, em cada dia, o percurso da História.

A Síria Antiga guarda-se nos museus de Damasco e de Alepo. E nos das antigas capitais coloniais do Ocidente, que pilharam, com método e eficácia, um solo inesgotável. Os mosaicos e algumas das colunas de Apameia estão hoje no Museu de Bruxelas. A maior parte da colunata está no local de origem, ao longo da grande avenida que atravessa a cidade. Ao cruzarmos o Orontes e ao chegarmos às ruínas de Apameia esperam-nos dois quilómetros de avenida deserta, guardada por gigantes de sete metros de altura, perfilados no centro de uma cidade com

255 hectares. A desolação e o silêncio de Apameia tornam-se mais evidentes no fim da tarde, quando a luz se começa a desvanecer e quando tentamos imaginar e refazer a cidade que outrora ocupou aquele planalto e da qual não restam mais que as colunas e o espólio que os ocidentais pilharam.

O coração da Síria Antiga está em Palmyra. A saga de Palmyra é notável, e inclui um desafio a Roma e uma independência ganha por pouco tempo. Roma ficava muito longe e a cidade, no meio do seu oásis, a meio caminho entre o Eufrates e o Mediterrâneo, não resistiu à tentação da liberdade. Quatro anos durou a aventura (268-272), tempo curto mas que chegou para imortalizar a cidade e Zenobia, a sua rainha. Os idiomas oficiais em Palmyra eram o grego e o aramaico. O grego ficou nas pedras e já só interessa aos epigrafistas, aquelas pessoas que transformam a história de outras pessoas em traços e símbolos e em fórmulas de gramática. O aramaico cruzou milhares de anos, tornou-se numa ilha de sons que muito poucos entendem e já só é falado em duas ou três aldeias das montanhas do Kalaamoun.

Palmyra é um mostruário de arquitecões, de fustes, de capitéis, de recordações de uma cidade perdida. Chega-se ao oásis de Palmyra depois de cruzar o deserto da Síria, entra-se na cidade pelo ocidente, pela zona onde está o vale dos túmulos. Para lá das ruínas e da cidade nova fica a frescura do oásis. As azinhagas que o cruzam estão, contudo, tão abandonadas como a alameda de Apameia. As hortas, que podiam ilustrar algum relato bíblico ou das Mil e Uma Noites, já pouco produzem, e o rumor da gente que outrora se ouvia pelos vergéis deu lugar ao som dos passos de alguns viajantes mais curiosos. São eles quem franqueia os campos de cultivo, por entre muros que não voltarão a ser reparados e no meio

de um silêncio terrível, já só quebrado pelo som dos passos dos que percorrem o oásis à sombra das palmeiras.

O coração de uma Síria intemporal vive em Alepo. Cerca de mil metros separam Bab Antakyah e a cidadela. Em mil metros mergulhamos na máquina do tempo, num souk que saiu das páginas de um texto antigo. O barulho, os pregões, a venda de tecidos repetem-se sem cessar há muitos anos e já um dia ouvimos as vozes dos vendedores do souk de Alepo mas não sabemos onde. Os vendedores, que repartem o espaço com um rigor de geometra, têm centenas de anos. O tempo não passou por eles porque estão resguardados do sol e da luz do dia pela penumbra do souk. O que se vende é tão antigo como o souk, como os sabões de azeite e palma que fizeram a fama de Alepo.

Para lá dos mercados, para além dos monumentos e da História Antiga começa a outra Síria. Aceitemos a hospitalidade do Oriente enquanto o turismo não chega. Aceitemos o chá que nos oferece Muhammad Kadr al-Kadr, o guarda do forte bizantino de Qasr ibn Wardan. Entremos na casa de Brahim Abu Radwan, na aldeia de as-Srouje. Sentemo-nos na sua casa e ouçamo-lo contar a história da sua vida, os anos duros da emigração no Dubai, o regresso à aldeia, a compra de 50 ovelhas e de umas oliveiras. Partilhemos uma refeição de pão e azeite com a família de Lufte Naasif, na aldeia druzá de Qalb Lozeh. É uma conversa feliz, feita de muitos silêncios, que se prolonga durante duas horas e poucas vezes, como dessa vez no norte da Síria, estive tão perto de casa. Aceitemos as duas romãs que um rapazito nos oferece à entrada do sítio de Aïn Dara enquanto nos diz “sou curdo”, a vida, o orgulho e o passado de cada comunidade a fazerem-se sentir em

cada esquina. Acompanhemos Margarita Curché pelas ruas do bairro cristão de Damasco, por entre as igrejas e as mesquitas que partilham as mesmas ruas, por vezes muito perto, por vezes mesmo lado a lado. Não nos espantemos quando ela cerrar o punho em desafio e clamar em voz alta “aquí somos todos cristãos!”. Margarita refere-se ao bairro, mas o seu bairro é o seu mundo, um mundo que fica junto a Bab Touma, no extremo nordeste da cidade antiga.

Em tempos que já lá vão, a rota de ouro do comércio mediterrânico começava em Sevilha, tocava os portos da Tunísia e ia terminar lá longe, em Alexandria ou em Antioquia. Era um percurso que todos os mercadores conheciam e que várias vezes ao longo do ano tinham que percorrer. À Península Ibérica vinham buscar a prata que faltava a Oriente. Para a Península Ibérica traziam os tecidos e os perfumes que iriam tocar o corpo das andaluzas mais belas. Ou das mais ricas.

Lá longe, para lá de Antioquia, existe ainda ainda um pouco desse mundo. Fica fora das fronteiras da Europa, cada vez mais longe do Ocidente. Às portas do Levante, o ar do Mediterrâneo começa a dar lugar à aridez do deserto. É aí que começa a Síria, onde o Mediterrâneo acaba e até onde chegam as oliveiras. A algumas jornadas do mar fica o oásis de Palmyra e, mais para leste, a imensidão da Mesopotâmia.







تدمر PALMYRA





قصر بن وردان QASR IBN WARDAN

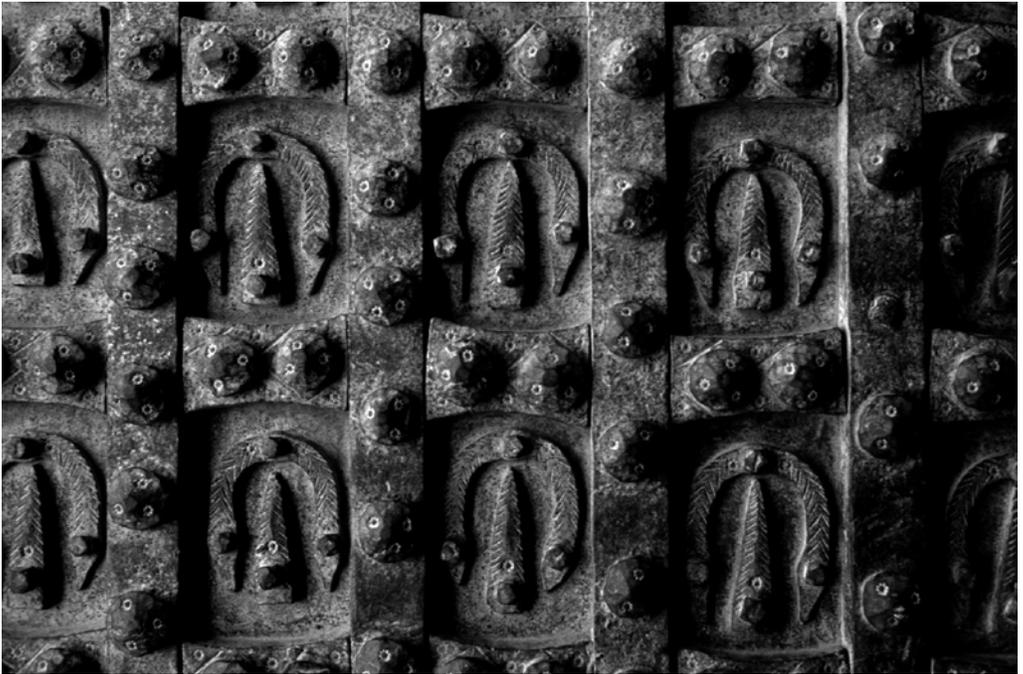




دمشق DAMASCO







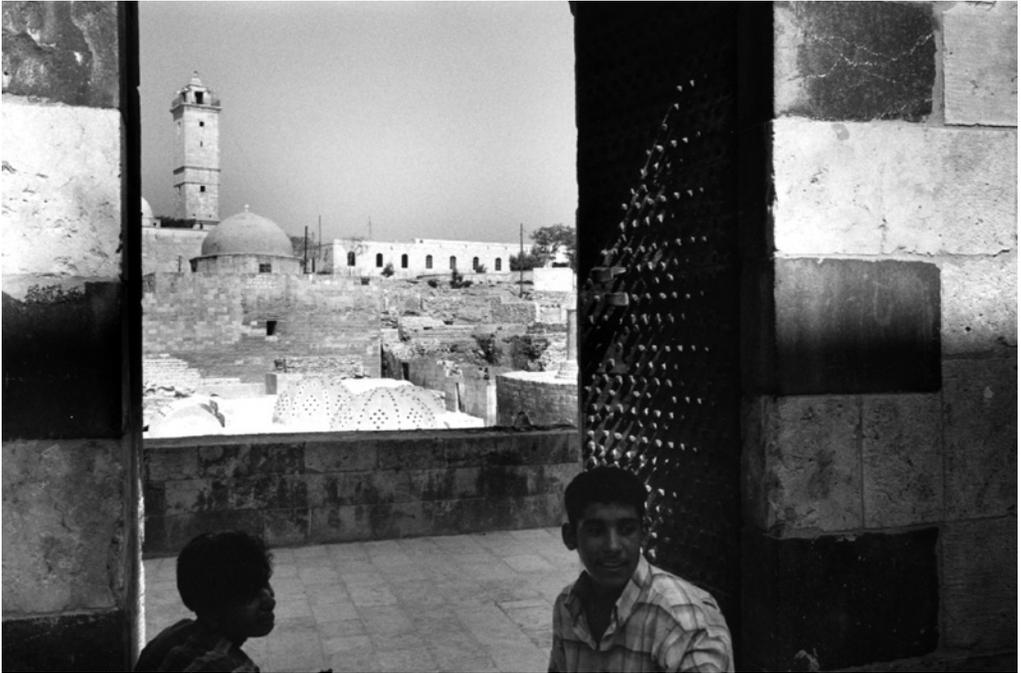














قلب لوزة QALB LOZEH





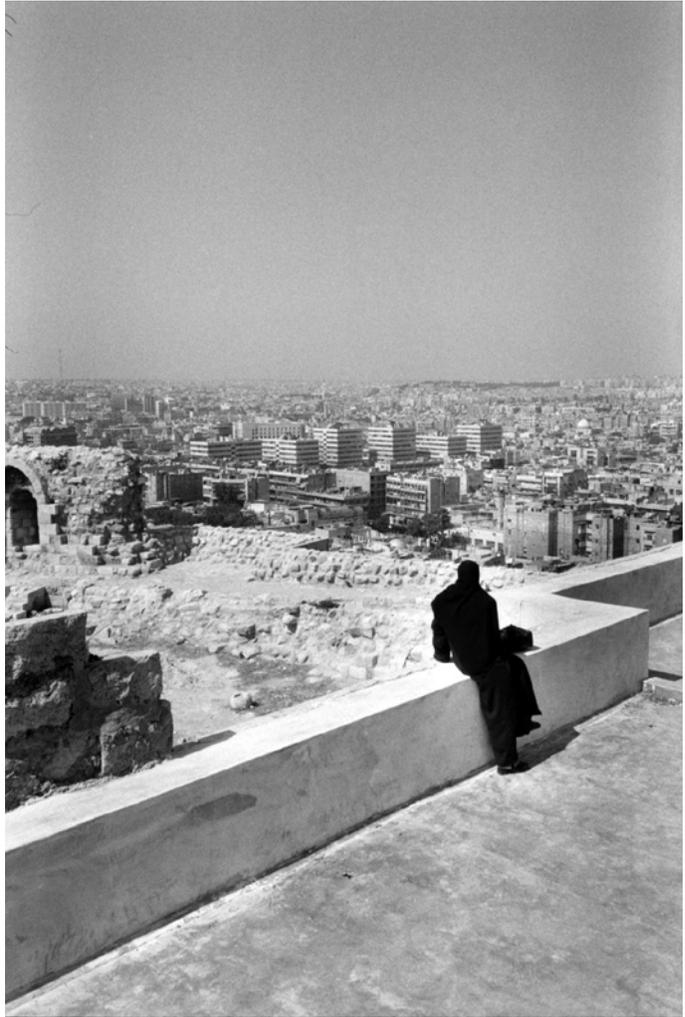
قلب لوزة QALB LOZEH







قصر ابن وردان QASR IBN WARDAN





ولترافق مارجرينا كورشيه عبر شوارع الحي المسيحي في دمشق بين الكنائس والمساجد التي تتقاسم الشوارع ذاتها، وأحيانا ما تكون قريبة للغاية وأحيانا يكون بعضها ملاصقاً للبعض الآخر، ولا تُصاب بالدهشة عندما تقوم بإطباق قبضة يدها في تحدّ وتقول بصوت مرتفع "كلنا هنا مسيحيون!". تقصد مارجرينا الحي الذي تعيش فيه الذي هو عالمها والذي يوجد بجانب باب توما في أقصى شمال شرق المدينة القديمة.

في عصور مضت كان الطريق الذهبي للتجارة المتوسطة يبدأ في اشبيلية ويلمس موانئ تونس وينتهي بعيدا في الإسكندرية أو أنطاكيا، كان مساراً يعرفه جميع التجار فقد كان عليهم لمرات عديدة وعلى امتداد العام السير فيه، كانوا يأتون إلى شبه جزيرة إيبيريا طلبا للفضة التي يحتاج إليها الشرق ويجلبون إليها المنسوجات والعطور التي كانت تلمس أجساد الأندلسيات الأكثر جمالا أو الأكثر ثراءً.

هناك بعيداً، فيما وراء أنطاكيا، ما يزال يوجد جزء قليل من هذا العالم، يقع خارج حدود أوروبا في تباعدٍ مستمر عن الغرب، وعند أبواب المشرق يبدأ هواء المتوسط في ترك المجال لقحولة الصحراء، هنا تبدأ سورية حيث ينتهي البحر الأبيض المتوسط وإلى حيث تصل أشجار الزيتون، وعلى مسافة بضعة أيام من البحر توجد واحة تدمر وإلى الشرق منها أرض ما بين النهرين المترامية الأطراف.

بصوت خطوات بعض المسافرين الأكثر تطفلاً، فهم الذين يعبرون حقول الزراعة بين الحوائط التي لن تكون موضوعاً للإصلاح وفي وسط صمت مخيف لا يقطعه سوى صوت خطوات الذين يجوبون الواحة تحت ظلال النخيل.

يكمن قلب سورية الذي لم تصيبه عوادي الزمن في حلب، ألف متر تقريباً تفصل باب انطاكيا عن القلعة، في هذه الألف متر قمنا بالغوص في آلة الزمن، في سوقٍ خارجة من صفحات نص قدم، الضحيج، المنادون وعمليات بيع المنسوجات كل ذلك يتكرر دون توقف منذ سنوات بعيدة. وذات يوم سمعنا أصوات البائعين بسوق حلب لكننا لانعرف أين، البائعون الذين يقتسمون المكان بدقة هندسية منذ مئات السنين، لم يمر الزمن بهم فهم في مأمن من الشمس وضوء النهار بواسطة ظلال السوق غير الكاملة. وما يُباع قديم قدم السوق مثل قطع الصابون الزيتي ومنتجات سعف النخيل التي أعطت الشهرة لحلب.

إلى جانب الأسواق والآثار والتاريخ القديم تبدأ سورية أخرى، فلنقبل كرم ضيافة الشرق قبل أن تصل السياحة، ولنقبل الشاي الذي يقدمه لنا محمد قدر القدر، حارس قلعة قصر بن وردان البيزنطية، ولندخل إلى بيت إبراهيم أبو رضوان في قرية السروج، لنجلس في بيته ولنصغ إليه وهو يروي تاريخ حياته، سنوات الهجرة القاسية في دبي والعودة إلى القرية وشراء 50 نعجة وبعض أشجار الزيتون، ولنشاطر عائلة لوفتي ناصف في قرية قلب لوزة الدرزية وجبة الخبز والزيت. إنها محادثة سعيدة قوامها لحظات صمت طويلة امتدت طوال ساعتين وفي مرات قليلة كهذه المرة في شمال سورية كنتُ قريباً للغاية من البيت. ولنقبل ثمري الرمان اللتين يقدمهما لنا فتى صغير عند مدخل منطقة عين داره وهو يقول لنا "أنا كردي"، إن الحياة والفخر والماضي الخاص بكل جماعة مكونات يشعر بها الفرد عند كل ناصية،

يُحرسها عمالقة يبلغ ارتفاعها 7 أمتار في وسط مدينة مساحتها 255 هكتاراً. ويصبح حواء وصمت افاميا جلياً في نهاية فترة الأصيل عندما يخفت الضوء وعندما نحاول تخيل وإعادة تكوين المدينة التي كانت في زمن ما قائمة على هذا السهل الواسع المرتفع والتي لم يبق منها سوى الأعمدة والقطع الأثرية التي استولى عليها الغربيون.

يوجد قلب سورية القديمة في تدمر، ومسيرتها البطولية معروفة حيث تتضمن تحدياً لروما واستقلالاً دام فترة قصيرة، فقد كانت روما بعيدة للغاية والمدينة، في وسط واحتها في منتصف الطريق بين نهر الفرات والبحر الأبيض المتوسط، لم تقاوم إغراء الحرية. استمرت هذه المغامرة أربع سنوات (268-272م) ورغم قصر هذه المدة إلا أنها كانت كافية لتخليد المدينة وملكتها زونيبا. كانت اللغات الرسمية في تدمر هي اليونانية والآرامية، فبقيت اللغة اليونانية في الأحجار ولم تعد لهم سوى المتخصصين في دراسة النقوش أي أولئك الأشخاص الذين يقومون بتحويل تاريخ الآخرين إلى علامات ورموز وأشكال نحوية، أما الآرامية فقد استمرت آلاف السنين وتحولت إلى جزيرة من الأصوات يفهمها قلة من الناس فقط ولم يعد أحد يتحدث بها غير قريتين أو ثلاثة في منطقة جبال كالامون.

تعد تدمر بمثابة سجلاً للعبث واسطوانات الأعمدة وتيجانها وذكريات مدينة مفقودة، ويصل المرء إلى واحة تدمر بعد أن يمر بصحراء سورية ويتم الدخول إلى المدينة من جهة الغرب، المنطقة التي يوجد بها وادي المقابر، وما بعد الأطلال والمدينة الجديدة توجد هناك نضرة الواحة وانتعاشها، وتعد الطرقات الضيقة التي تمر بالواحة رغم ذلك مهجورة مثل ممرات افاميا، ومزارع الخضراوات التي كانت تنم عن مشهد من الكتاب المقدس أو من ألف ليلة وليلة باتت تتحجج قليلاً، واستبدل ضحيج الناس الذي كان يُسمع في السابق عبر الحدائق

المأهولة منذ آلاف السنين والتي تتعرض من حين لآخر لاضطرابات عنيفة سواء تلك التي يتسبب فيها الإنسان أو الخارجة من أعماق الأرض، وأما الباقي فقد تكفل به مرور الزمن ولطيمات الشمس والمطر، ولذلك فإن الطبوغرافيا القديمة لدمشق قد تغيرت منذ زمن طويل ولم يبق من المدينة التي عاش فيها القديس بطرس سوى قوس النصر الروماني في الشارع المؤدى إلى الباب الشرقي والمدخل الشرقي للمدينة والأعمدة الكائنة عند مخرج سوق الحميدية وبعض حوائط جامع الأمويين الكبير.

في صمت الأحجار توجد الإجابة على كثير من التساؤلات فهي التي تروى لنا ما تقوم النصوص المكتوبة في العديد من الحالات بحذفه إما بسبب عدم المعرفة أو الميل بالرأي أو المصلحة. بين بصرى وقلب لوزة ابتداءً من السَّهْب المقفر لقصر ابن وردان حتى واحة تدمر نبحث دائما في الحوائط — حيث جرى نُحْت التاريخ — عن أحداث الماضي. وقد كتب وليام هنرى واديغتون في نهاية القرن التاسع عشر أن سبب تدمير الآثار القديمة في سورية يعود إلى المسلمين والمسيحيين الذين استخدموا الأبنية القديمة كمادة خام لإقامة بنايات جديدة، هذا التفسير، وإن كان لا يخلو من التبسيط صائب في جزء كبير منه، فهكذا يتم في كل يوم تدمير وإعادة بناء مجرى التاريخ.

سورية القديمة محفوظة في متاحف دمشق وحلب وفي متاحف العواصم الاستعمارية الغربية القديمة التي قامت بفعالية ومنهجية بسلب مقتنيات أرضٍ لانتضب.

اليوم توجد قطع الموزاييك وبعض أعمدة افاميا في متحف بروكسل. وما تزال معظم الأعمدة في مكائنها الأصلي على امتداد الشارع الضخم الذي يَحْتَرِق المدينة. وعندما نقطع العاصي ونصل إلى أطلال افاميا نجد في انتظارنا مسافة 2 كم من الشارع الخاوي

في الشارع المؤدى إلى الباب الشرقي في دمشق ما يزال هناك جزء من قوس نصر روماني، وهذا القوس وحده يحملنا إلى الأيام التي عاش فيها القديس بولس في ذلك الشارع، وأما الباقي فقد اختفى منذ زمن بعيد، وتصبح عملية البحث عن مدينة مختفية لعة من الخيال. وربما قام بولولو دي تارسو بتمضية كل الأيام تحت قوس النصر الروماني هذا الذي يقوم بالسير فوقه حالياً قَطُّ يبدو عليه الكسل. ولكن هذا الأثر ليس سوى شاهد نادر على عصر منسي، ويتركنا التاريخ بدون إجابات على ناصية الشارع الذي يقود إلى الباب الشرقي والخلي من الناس في نهاية أصيل يوم الجمعة.

بقيت بعض الآثار من أيام دمشق الرومانية وهي أقل اختفاءً مما كنا نتوقع، فقد قامت المدن التي جاءت بعدها بإخفاء المدن السابقة، والمسارات السياحية التي يلتزم بها قلة من الزائرين تقتصر على تناول معالم المدينة خلال الثلاثمائة عام الأخيرة فقط. لكن الجغرافيا الخاصة بمدينة ما ليست خارطة للسياح وطوبوغرافيا الأماكن لا تُتبع بل يُعثر عليها، شارعٌ إلى اليمين وشارعان إلى اليسار بالمصادفة بحثاً عن إجابات.

إن شوارع مدينة ما هي أرض صلبة ويسعدنا أن نترك أنفسنا نقاد شارعٌ إلى اليمين وشارعان إلى اليسار دائماً بالمصادفة، ولن نضل الطريق لأن النباتات المعرشة والمتسلقة في شوارع دمشق والهياكل التي تتسلق عليها قد رأيناها يوماً ما لكننا لاندرى أين، ربما في مكان بعيد عن دمشق، ربما كانت شوارع رأيناها في الأحلام أو سبقت رؤيتها من قبل.

الكثير من ماضي دمشق يوجد اليوم متخفياً في أحياء مستورة أو قد اختفى تقريباً، والمدن في الحقيقة لا تمثل واقعا جامداً أو غير متغير، خاصة عندما نتحدث عن أماكن مثل هذه

سورية

النص والصور: سانتياغو ماسياش

تصميم جرافيك: ت ف م ديزاينرز

ترجمة: بدر حسنين

التجهيز للطباعة والطباعة والتنضيب: تيكستايب

إصدار: حقل مارتنلة الأثري، مارتنلة، 2005

عدد النسخ: 500 نسخة

ردمك:

رقم الإيداع:

أتوجه بشكرٍ خاص إلى المصورين أنطونيو كونيا و جوزيه مانويل رودريغيش لما قدماه من مساعدة في إنجاز هذا الكتاب.

سورية

سورية

